

**Uma discussão acerca da Reforma,
a chegada do Presbiterianismo no Brasil e suas influências sociais**

Jamilly Nicacio¹

Resumo

Este trabalho analisa, a priori, o desenvolvimento da Reforma e a emergência de pensamentos dissidentes que migraram para várias partes do mundo, incluindo o Brasil. Entre essas dissidências, o Presbiterianismo, cuja importância tem sido pouco evidenciada pela História da Reforma Protestante. A Reforma Protestante ocorrida no século XVI, que teve como líderes Martinho Lutero e João Calvino, não foi somente um movimento espiritual e eclesiástico, teve também aspectos e dimensões políticas e sociais. Precisamos entender que a Reforma não é uma tendência homogênea, uma vez que várias interpretações dos Evangelhos levaram à criação de novas igrejas e concepções religiosas que, muitas vezes, se contrapõem. O Presbiterianismo, nesse aspecto, traduz-se na busca por formar uma idéia de cidadania.

Palavras Chaves: Reforma Protestante, Presbiterianismo, Cidadania.

**A discussion of the Reformation,
the arrival of Presbyterianism in Brazil and their social influences**

Abstract

This paper analyzes, a priori, the development of the Reformation and the rising of dissident's thoughts which migrated to various parts of the world, including Brazil. Among these dissidents, the Presbyterianism, whose importance has been little evidenced by the history of Protestant Reformation. The Protestant Reformation occurred in the sixteenth century, which had Martin Luther and John Calvin as leaders, was not only a spiritual and ecclesiastical movement, but also had issues in social and political dimensions. We need to understand that Reformation is not a homogeneous trend, as various interpretations of the Gospels led to the creation of new churches and religious conceptions, which often are opposed. The Presbyterianism in this aspect is the quest to form an idea of citizenship.

Keywords: Protestant Reformation, Presbyterianism, Citizenship.

1 Graduada em História pela Universidade Federal de Viçosa

“O processo iniciado com a Reforma representa o momento religioso mais exemplar desse tempo de mudança na esfera religiosa, quando novos rumos para afinidades distintas entre religião e política foram pensados.” (PAIVA, 2003)

Procurando, atentamente, por literaturas como a *História Geral da Civilização Brasileira*, e toda a vasta publicação, o que limitadamente encontramos sobre o assunto remete a tempos anteriores ao período proposto neste trabalho, mas serve para entendermos que a missão de Ashbel Green Simonton, foco deste estudo, não era nem de longe a primeira a passar por aqui.

No Brasil, onde aportaram em fevereiro de 1557, os zelosos calvinistas não se cansavam de contemplar a magnificência do cenário que lhes fora reservado, agradecendo a suma bondade do criador de todas as coisas, que assim lhes destinava uma paragem digna da alta missão a que se devotaram. (BARROS, 1985)

De acordo com a CEHILA² convencionou-se falar de Protestantismo no Brasil a partir de 1824, quando ingressaram os primeiros contingentes de imigrantes germânicos, 60% dos quais luteranos. Desde o início da década de 1860 as principais potências econômicas estavam atentas ao que acontecia no Brasil. Nesse período uma vigorosa corrida rumo à industrialização havia tomado conta da Europa e se estendido também aos Estados Unidos.

Aproveitando as trilhas abertas pelos interesses econômicos e políticos, ou abrindo trilhas para esses interesses, as Missões pretendiam levar a fé, o progresso e no caso das missões norte-americanas que cercam o tema central deste trabalho, o seu modelo cultural e de vida como o de sociedade ideal. Vemos então, a Missão, entendida para CEHILA como uma luta pela conquista das últimas fronteiras do mundo, nesse sentido, evangelizar é levar a *american way of life*. O conservadorismo, característica do Protestantismo teológico sobressai a uma minimização do estudo teológico, em contraposição a uma supervalorização da fé individual, pessoal, sendo que aqui haveria então separação entre Igreja e mundo, entre fé e política. Cristo seria representante de uma nova cultura. “O Protestantismo lutava por higiene, combatia vícios, e o brasileiro precisava disso.” (HOORNAERT, 1992)

Concordando com a CEHILA, Antonio Mendonça afirma que os protestantes norte-americanos viam-se como um modelo ideal, como padrão a ser seguido. Seriam eles o povo escolhido por Deus, mas ele aponta para o fato de que esse povo desenvolveu um modelo de sociedade no qual se instalou o denominacionalismo.³ Agora a Igreja não seria como a sugerida na Bíblia – uma Igreja única⁴ - mas o povo de Deus reunir-se-ia separadamente: cada grupo de acordo com a visão que defendia e tinha como padrão. As denominações protestantes serviriam para unir o povo, como defende Mendonça, mas acabaram dividindo aqueles que acreditavam em Deus em presbiterianos, batistas, luteranos metodistas

2 Comissão de Estudos da Igreja na América Latina.

3 MENDONÇA, Antonio G. *O celeste porvir: a inserção do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984. p. 44-46. Para o autor o denominacionalismo é uma associação voluntária com pontos e métodos definitivos, com propósito unitivo no sentido de que nenhuma denominação se julga dona da verdade, a denominação é um instrumento na tarefa de todos em cristianizar a sociedade.

4 A Igreja de Cristo é tema de diversos capítulos e assunto de outros tantos versículos bíblicos, sempre ressaltando que Cristo é “O Cabeça da Igreja”. Algumas passagens citadas aqui, como em Atos 20: 28; Colossenses 1:18; 1Coríntios 10:32 e 12:28 atentam para isso. “Para que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida” Efésios 3:10.

e outros.

Doutor em História Eclesiástica, Duncan Alexander Reily define a denominação como: “uma associação voluntária de indivíduos com sentimentos e pensamentos em comum, unidos na base de crenças comuns para o propósito de alcançar objetivos tangíveis e definidos.” (REYLI, 2003) Um dos objetivos primários seria a propagação do seu ponto de vista. A palavra “denominação” sugere que o grupo referido seja apenas membro de um grupo maior, chamado ou denominado por um nome particular. A afirmação básica da teoria denominacional é que a Igreja verdadeira não deve ser identificada em nenhum senso exclusivo com qualquer instituição eclesiástica particular, nenhuma denominação afirma representar a Igreja de Cristo, ou que todas as outras igrejas sejam falsas. Nenhuma denominação insiste que a totalidade da sociedade e Igreja deve submeter-se aos seus regulamentos eclesiásticos. Assim, a denominação indicava a unidade subjacente à desunião observável, enquanto, pelo princípio voluntário, repudiava a união exterior imposta por meio de coerção.

Silas Souza em seu trabalho sobre o pensamento protestante e em especial sobre o Presbiterianismo, mostra-nos que o Protestantismo engloba diversas tendências, e em sua chegada ao Brasil, tal diversidade tornou-se um enigma para os brasileiros. O Luteranismo, o Anglicanismo, o Metodismo, o Congregacionalismo e o Presbiterianismo, apresentavam desde moderados à fanáticos religiosos. Nosso objetivo é estudar esta última facção religiosa, mas, segundo o próprio autor, não seria possível entender uma igreja, bem como qualquer grupo social, isolado de seu contexto histórico, geográfico e social. (SOUZA, 2005)

Segundo o francês André Bièler: “*As causas essenciais da Reforma não são nem sociais, nem políticas, nem mesmo eclesiásticas, mas, de fato, religiosas.*” (BIÈLER, 1990) A Igreja e o papado ofereciam ao mundo muitas razões de insatisfação; a “atacada” imoralidade do clero reclamava reformas urgentes e o papa, rebaixado pelos monarcas ao nível de simples príncipe político italiano, parecia perder toda a sua autoridade.

Lucien Febvre indica que o surgimento da Reforma deveria levar em conta a intensa religiosidade vivida na Europa ao final do século XV e no início do século XVI, deste modo, o historiador francês justifica o sucesso da Reforma mediante dois fatores: o surgimento da Bíblia na língua do povo, e a salvação pela fé. Em conclusivo, defende que a Reforma deve ser relacionada a uma crise moral e religiosa de muita gravidade que assolou a Europa naquele tempo. Portanto, para Febvre, a história da Reforma, não poderia limitar-se em marcos institucionais, políticos e eclesiásticos. (FEBVRE, 1957)

Jean Delumeau – como já o fizera Lucien Febvre – detém-se na análise dos comportamentos religiosos na Europa do início do século XVI. Em resumo, ele verifica a existência de um cristianismo popular mais íntimo e profundo, vivido de forma plena – em seu aspecto formal – somente pelas elites. Tratava-se então de um mundo de ignorância religiosa, distante dos abusos da Igreja. O autor concebe a marcha do cristianismo como progressiva e não triunfal dentro da cristandade, que, segundo o autor, vivia uma mutação profunda, tinha “fome de Deus”. Esta fome se manifestava, por um lado, pela busca da palavra da vida, mas também pelo pânico dos pecados. (DELUMEAU, 1981)

A maioria dos autores consultados concordam que Martinho Lutero não buscava a reforma dos costumes da Igreja, menos ainda separar-se dela, mas a volta do clero a uma fé e a uma piedade vivas,

essencialmente fundamentadas na mensagem da graça de Jesus Cristo, na Palavra de Deus única a subsistir no Evangelho.⁵

Para Fernández-Armesto e Wilson, a Reforma vinha, até então, sendo universalmente vista como uma das grandes mudanças decisivas da história mundial, a partir da qual fluíram conseqüências de importância incomensurável. A Reforma seria mais uma tentativa de alertar o mundo. “*Plus ça change, plus c’est la même chose.*” Este dito francês usado pelos autores, define a Reforma como uma mudança entre muitas outras que precederam e continuaram a ocorrer depois dela. (FERNANDEZ-ARMESTO, 1997)

Ainda Fernández-Armesto e Wilson afirmam que os reformadores do século XVI não se limitavam a reproduzir seus antecessores medievais. A Reforma Protestante, portanto, não introduziu as inovações comumente atribuídas a ela, não rachou uma Igreja monolítica; não introduziu heresias inéditas; não gerou as primeiras igrejas nacionais. Em vez de ser um novo ponto de partida na história da Igreja, derivou de tradições vindas de longa data, uma forma de diversidade já antiga.

Apesar de sua reputação de ter dividido a Igreja, achamos que ela foi o grande tema unificador da história cristã nos tempos modernos. Os projetos da Reforma tiveram continuidade. A Reforma não veio como uma torrente em terra ressequida. As pessoas reagiram às idéias desafiadoras dos pregadores e propagandistas emancipados porque elas pareciam ir ao encontro de necessidades já detectadas. (FERNANDEZ-ARMESTO, 1997)

Vicente Themudo Lessa, primeiro historiador do Presbiterianismo brasileiro, nos diz que a Reforma foi uma aspiração de longos séculos, um desejo de comunhão mais íntima com Deus dos que viam com pesar a Igreja se afastar da simplicidade e da espiritualidade dos tempos primitivos. Nos longos séculos do período medieval faziam-se ouvir vozes e protestos contra as irregularidades, inovações e possíveis abusos que conspurcavam a religião. O autor cita ainda alguns nomes que precederam Lutero e Calvino nos movimentos reformistas: João Hus, reitor da universidade de Praga; Wicliffe, o reformador radical, condenado a morrer queimado e Jeronymo de Praga. (LESSA, 1934)

Um dos mais importantes estudiosos atuais da filosofia política, Quentin Skinner afirma que começar a história da Reforma luterana pelo seu ponto de partida tradicional significa começá-la pelo meio. As *Noventa e cinco teses* marcaram apenas o apogeu de uma jornada que Lutero já percorria há seis anos. Concordando com ele, Lessa afirma que o mais adequado seria principiar a história por onde Lutero a começou, na gestação de sua nova teologia que lhe proporcionou o quadro para atacar não só o tráfico que o papado efetuava das indulgências, mas todo um conjunto de atitudes sociais, políticas, assim como religiosas, que tinham ficado associadas aos ensinamentos da Igreja católica.

Segundo Skinner, Lutero assumiu um claro compromisso de repudiar a idéia segundo a qual a Igreja possuía poderes de jurisdição, e por isso detinha autoridade para dirigir e regular a vida cristã. É o abuso desses supostos poderes que Lutero mais denunciava, ele desqualificava a importância da Igreja

5 Baseio-me em leituras como: BIELER, FEBVRE e DELUMEAU já citados aqui, e ainda: WALLACE, Ronald. *Calvino, Genebra e a Reforma*: um estudo sobre Calvino como um reformador social, clérigo, pastor e teólogo. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004 e FERNANDEZ-ARMESTO, Felipe; WILSON, Derek. *Reforma: O cristianismo e o mundo 1500-2000*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

enquanto instituição visível. (SKINNER, 1996)

As reivindicações de Lutero não tinham caráter separatista, mas empreendiam contra o comércio das indulgências e o poder que era dado aos padres e principalmente ao papa, percebido como um semi-deus, alguém que poderia perdoar os pecados, dar absolvição em vida e para morte e ainda mercadejar com o reino, vendendo aos que aqui estavam a passagem dos mortos, do purgatório ao paraíso. Segundo Febvre - concordando com esse “não-rompimento” - Lutero reagia as suas idéias como “tentações”, tentações espirituais que o transtornavam, sendo que sentia o desejo da reforma, mas não queria ao mesmo tempo um rompimento, um embate direto com a Santa Sé. (FEBVRE, 1975)

Ângela Paiva concorda com Febvre, entendendo que o diferencial do movimento da Reforma é principalmente a liberdade de interpretação bíblica pelo acesso das escrituras na língua do povo. O cristão não precisaria mais de representantes, poderia agora buscar Deus sem a intermediação do sacerdote, as interpretações da palavra e a remissão dos pecados que anteriormente limitavam-se ao padre poderiam agora ser individuais, ligando diretamente o fiel ao sagrado. Ela aponta ainda a idéias que remetem à Skinner e Lessa, entendendo que o cisma religioso com Lutero significou um dos momentos mais marcantes para a manifestação da valorização da Reforma. Segundo ela, um dos principais efeitos da Reforma foi a transferência dos ideais monásticos da salvação para a vida cotidiana. (PAIVA, 2003)

Aqui, surge-nos uma questão pertinente: pensar o monasticismo medieval, sua diferença em relação à Igreja, a idéia de que Deus poderia ser percebido em qualquer lugar, mas seu poder estaria presente nos lugares sagrados. Do impacto do Cristianismo sobre espíritos rústicos e concretos nasceu um novo modo de relação com o divino. Veremos este tema principalmente sobre o olhar do pesquisador francês André Vauchez.

Dentro dos mosteiros a Bíblia era ignorada, “*los papistas ignoraban nada menos que la Biblia*”. É neste tom, quase de espanto que Febvre fala como os superiores dos mosteiros construíam aos religiosos os excessos de penitência que indignavam Lutero. (FEBVRE, 1975) Aqui novamente concordam Fernández-Armesto e Wilson, ao afirmarem que o convento era o lugar tradicional para os homens e mulheres que desejavam se aproximar de Deus. Muitos religiosos precederam Lutero, Erasmo e outros reformadores nos caminhos do louvor diário, negação de si mesmos, contemplação e estudo. As coisas mundanas, porém, seriam capazes de assaltar as mais santas instituições. Um dos objetivos dos inovadores religiosos era trazer a espiritualidade para mais perto das pessoas comuns, concordando com autores acima citados. (FERNANDEZ-ARMESTO, 1997)

Vauchez mostra que não há espaço também no pensamento de Calvino para a atitude monástica medieval em relação à sociedade, que levava à situação na qual os indivíduos renunciavam ao mundo, enquanto as instituições às quais eles serviam, afirmavam-no. (VAUCHEZ, 1995)

A Igreja considerava que a nobreza do sangue conferia um prestígio sacro e criava uma predisposição natural para a santidade, a partir disto, os mosteiros passariam a designar lugar “sagrado”. A maioria dos monges advinha de famílias nobres, em muitos mosteiros os filhos oferecidos por seus pais – os oblatos – só seriam aceitos se tivessem um dote; além disso, para saber ler em latim, era preciso ter estudado. Podemos entender então, que a verdadeira salvação servia apenas para os nobres, únicos capazes de oferecer aos filhos a prévia condição para uma vida monástica.

Verdadeira fortaleza da prece, o mosteiro era lugar por excelência onde Deus era adorado. (...) onde se praticava uma observância regular, se tornava uma antecipação do paraíso, um pedaço do céu sobre a terra. (FERNANDEZ-ARMESTO, 1997)

Considerando-se como vanguarda do povo de Deus, os monges tendencionavam-se a depreciar os outros estados de vida no seio da Igreja. Esta depreciação trouxe profundas conseqüências. Ao se considerar inferior tanto religiosa quanto culturalmente, o laicado se definiu negativamente por sua exclusão do universo do sagrado e da cultura erudita.

De acordo com Ângela Randolpho Paiva, em *Católico, Protestante, Cidadão*, no processo da Reforma, não só a religião perdeu seu caráter universal, mas também a liberdade de pensamento passou a ser condição para a prática religiosa protestante.

O significado da Reforma, como uma mudança profunda na relação do fiel com o mundo, privilegiava valores religiosos que teriam um potencial crescente para a promoção de novo tipo de engajamento na esfera social. Num tempo de profundas transformações, a Reforma, colocou outra ênfase na responsabilidade individual para a salvação, ao trazer uma mudança significativa para a vivência religiosa. Com a Reforma, o mosteiro não seria mais o lugar de aprendizado para o viver cristão, cada um poderia agora em sua própria casa buscar a instrução bíblica, e chegar a Deus.

A Igreja medieval proclamava-se detentora do monopólio da verdade, mas não apenas da verdade religiosa. Num mundo no qual o material caminhava ao lado do espiritual, questões de política, moral pessoal, obrigações legais, negócios, relações conjugais, guerra e paz eram todas suscetíveis de orientação eclesiástica.

Mendonça e Velasques afirmam que o Protestantismo apresentou-se como uma contracultura, exigindo dos adeptos um comportamento diferente do que era aceito socialmente. Uma negação da vida mundana, como uma rejeição à cultura católica romana que no entendimento do Protestantismo deveria ser recusada pelos fiéis, havendo assim, um severo controle do comportamento individual. (MENDONÇA, 1990)

Nesse sentido, Bièler aponta para o fato de que foi Calvino quem liderou a definição das novas formas do culto cristão, da vida cristã, da vida da Igreja e da comunidade do século XVI. Calvino tinha uma visão da comunidade toda, na qual, com a mesma responsabilidade, as pessoas desempenhariam suas tarefas nas esferas seculares e no governo da Igreja. Aqui entra a questão trabalhada por Ângela Paiva, o cristão entendido como cidadão.

Bièler mostra ainda que de muitas maneiras, a organização da igreja de Genebra, feita por Calvino através das *Ordenanças eclesiásticas* de 1541, representando uma resposta ponderada, planejada e absolutamente pragmática em relação às estruturas existentes em Genebra. A quarta ordem de ministério reconhecida pelas Ordenanças era o diaconato, questão de destaque neste trabalho. O diaconato foi organizado e entrou imediatamente em ação. (BIÈLER, 1990)

Foi criada a primeira escola primária obrigatória da Europa. Os refugiados chegados a Genebra recebiam treinamento profissional e assistência médica e alimentar, enquanto se preparavam para exercer uma profissão.

A questão da assistência social era de vital importância para o ideário protestante, o cristão foi desafiado a cumprir o mandamento de amor ao próximo. Em terras brasileiras as igrejas organizaram hospitais e orfanatos, Erasmo Braga e Kenneth Grubb citam que na década de 1930 os presbiterianos tinham hospitais no Rio de Janeiro, em São Paulo, Goiás, Bahia, além de clínicas em igrejas locais. (BRAGA, 1932)

Mcgrath explica que o programa de Calvino envolvia a promoção ativa de uma vida excelente por meio da exaltação da virtude. Ele encorajava os líderes da cidade de Genebra a não se tornarem absortos demais com a lei e a ordem. Eles estavam lá para estabelecer e manter um bom sistema público de educação, para encorajar uma cultura sadia e para criar, até mesmo por meio de leis, uma atmosfera que propiciasse atitudes sociais saudáveis. Ele acreditava que uma boa moral poderia ser produzida por uma boa legislação e por uma boa organização social. (MCGRATH, 2004)

A “secularização do trabalho” encontrada em Calvino, envolvia trazer toda a esfera da existência humana para dentro do âmbito da santificação divina e da dedicação individual. Foi essa santificação da vida, da qual a santificação do trabalho representava o pilar principal, que impressionou os seguidores de Calvino. Para Mcgrath, a concepção do calvinismo⁶ passou a ser mais tarde, convergente com a do cidadão, aqui concordando Paiva, entendendo ser possível o “santo e o cidadão juntos”. (PAIVA, 2003)

Temos ainda Mckim, um autor que diferencia a idéia de lei para Lutero e Calvino. Para o autor, Lutero via uma distinção entre Igreja e Estado, dando ao fato uma interpretação apologética: com efeito, foi sugerido que a Reforma era tão somente espiritual e não estava no domínio do Estado, ainda que do ponto de vista da fé fosse possível reconhecer o Estado como legítimo por si mesmo, mas os reformadores destacavam a obrigação cristã de obediência às autoridades estatais, independente de merecerem ser obedecidas. Mas segundo o autor, em sua abordagem das questões referentes à lei, Lutero estava preparado para deixar o Estado ao capricho da razão humana, já Calvino, defendia uma relação entre Estado e Igreja, Deus estava presente no Estado, e era Ele quem instituía as autoridades. (MCKIM, 1998) Concordando, Mcgrath aponta que, qualquer que fosse a autoridade que o próprio Calvino possuísse, ele a entendia como sendo derivada de Deus, e não de seus talentos e habilidades inatos.

Lutero asseverava que o Estado representava a lei, e o evangelho a Igreja, ele entendia o conceito de lei no sentido básico das Escrituras Sagradas⁷, assim, o estado seria uma categoria de castigo. Segundo Mckim, os súditos deveriam temê-lo e suportá-lo como julgamento irado de Deus sobre eles em sua condição de pecadores, o que os levariam ao conforto do evangelho que a Igreja proclamava. (MCKIM,

6 Uma observação muito pertinente a este trabalho pode ser encontrada no livro de Alister Mcgrath: “O termo “Calvinismo” parece haver sido introduzido pelo controversista luterano alemão Joaquim Westphal para se referir às perspectivas teológicas e, especificamente, àquelas relacionadas aos sacramentos, que eram em geral defendidas pelos Reformadores suíços e, particularmente, por Calvino.” No entanto o autor alerta para o risco de que o Calvinismo seja primordialmente voltado à apropriação da herança intelectual de Calvino, preferindo assim o termo “Reformado” ao termo “Calvinista”. MCGRATH. *op. Cit.* p. 231 a 238.

7 No Velho Testamento vivia-se debaixo da lei, no novo testamento vivemos debaixo da Graça. Graça é definida como favor, misericórdia, perdão. Se não existisse o Velho Testamento (Lei), a graça não teria razão de existir. A Lei determina que somos transgressores e carentes de perdão. A graça redime de toda condenação contida na Lei.

1998)

A história do Presbiterianismo é necessariamente a história do calvinismo, sendo que um adveio do outro consecutivamente. Mcgrath compara Calvino a Lênin, mostrando que estes homens exerceram grande influência sobre o processo histórico, Calvino era um intelectual que se dedicava à religião, mas não pode ser chamado apenas de teólogo, assim como não podemos nos referir a Lênin como um mero teórico político. Ambos possuíam um grau extraordinário de visão, eles forneceram fundamentos teóricos para os movimentos revolucionários, os quais dependeram justamente de tais fundamentos para sua organização, direção e posterior sucesso. “As idéias de Calvino converteram-se em uma das corrente intelectuais mais potentes que a história conheceu, proporcionalmente comparável em sua influência e alcance, ao surgimento do marxismo” (MCGRATH, 2004).

Embora o Calvinismo possua um núcleo nitidamente religioso, deve-se enfatizar que ele é ainda, um movimento modelo. E tal movimento não era inimigo do progresso intelectual. O Protestantismo não só não era inimigo do progresso, como segundo Ribeiro, estimulava-o. O autor apresenta idéias de Simonton acerca da educação, entendendo que este defendia que “o estabelecimento de escolas era o meio indispensável para assegurar o futuro da igreja no Brasil, e que o evangelho estimulava todas as faculdades do homem e o levava a fazer esforços para avantajar-se na senda do progresso.” (RIBEIRO, 1981)

Mcgrath sugere ainda, que Lutero tenha sido muito mais generoso com relação a referências autobiográficas do que Calvino. Ele entende que há uma ausência quase absoluta de material de sua autoria. Lutero descreve suas experiências pessoais, a evolução de suas idéias religiosas e o modo como se desenrolou a crise que levou à origem da Reforma Luterana. Calvino, contudo, parece ter sido reticente quanto a inserir qualquer referência pessoal em suas obras.

A reconstituição histórica da complexa personalidade de Calvino tem sido bastante obstruída pela subsistência de uma imagem profundamente hostil do Reformador. A primeira biografia de Calvino foi escrita por um ex-colaborador, Jerônimo Bolsec. Depois de um grave desentendimento em 1551 separaram-se, Bolsec voltou para França e em Lyon publicou um livro, *Vie de Calvin*. Alister McGrath, em sua biografia de Calvino, faz a seguinte análise da obra de Bolsec: Calvino seria irremediavelmente aborrecido, malicioso, violento e frustrado, considerava suas palavras como se fossem a palavra de Deus e se permitia ser adorado como Deus. Além de, freqüentemente ser vítima de suas tendências homossexuais, ele tinha o hábito de flertar com qualquer mulher que se aproximasse dele. O próprio Mcgrath sugere que Calvino não era propriamente uma pessoa agradável, faltando-lhe a perspicácia, o humor e a cordialidade de Lutero.

A personalidade de Calvino, como se pode inferir a partir de suas obras, é a de um indivíduo um tanto quanto frio e reservado, cada vez mais predisposto ao mau humor e à irritabilidade, à medida que sua saúde se deteriorava. (MCGRATH, 2004)

As estruturas e valores morais, econômicos e políticos do Calvinismo, embora firmemente fundamentados na teologia, poderiam com facilidade separar-se dessas raízes. A emancipação dessas estruturas e valores com relação à própria fé, por intermédio de um processo de erosão cultural, era um

dos aspectos mais significativos da recepção e assimilação ocidental do Calvinismo, especialmente na América do Norte.

O impacto da ética calvinista do trabalho sobre a cultura norte-americana parece ter sido imenso. A riqueza pessoal e nacional vieram a ser vistas como sinais de um especial favor divino.

Aqui retomamos a idéia apresentada no início deste trabalho, sobre a o ideário colonizador norte-americano. O início da história da “colonização religiosa norte-americana no Brasil”, apresentado aqui por Coutinho, quer escrita por ingleses ou holandeses calvinistas, foi amplamente considerada como a entrada do povo exilado por Deus em uma nova terra prometida. A verdadeira América era o protótipo da nova Jerusalém. (COUTINHO, 2001)

A chegada desta missão no Brasil se deu no Rio de Janeiro em 1859, com Ashbel Green Simonton, um jovem de 26 anos, diplomado pelo *Princeton College*, hoje *Princeton University*, e pelo Seminário Teológico de *Princeton*. A Igreja Presbiteriana do Brasil é herdeira da Reforma, suas características são herdadas do Calvinismo. Segundo Reily, em oito anos de trabalho no Brasil, Simonton fundou uma igreja no Rio de Janeiro, – a atual Catedral Presbiteriana do Rio de Janeiro - o primeiro jornal evangélico no Brasil, a *Imprensa Evangélica*, organizou o primeiro presbitério do Rio de Janeiro e fundou ainda o primeiro seminário teológico, também no Rio de Janeiro. (REYLI, 2003)

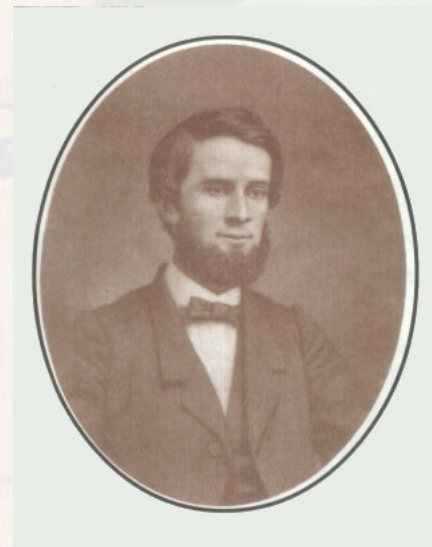


Figura 1 - Ashbel Green Simonton, Pioneiro do Presbiterianismo no Brasil

Uma contribuição nova, não encontrada em nenhuma outra leitura até aqui, mostra-nos que houve uma divisão definitiva entre as partes Norte e Sul da igreja norte-americana por causa da escravidão. Haveria a partir de então duas igrejas presbiterianas: Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América (PCUSA) - os presbiterianos do Norte - e a Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos (PCUS) - os presbiterianos do Sul. Simonton teria sido enviado ao Brasil pela igreja do Norte.

As atividades eclesiais de Simonton colocavam-no entre aqueles de quem a nação esperava receber o impulso técnico que traria o progresso para o Brasil. “*O Protestantismo construiu representações em torno da realidade brasileira.*” Os pastores presbiterianos constituíram o maior grupo envolvido na emigração para o Brasil. Suas primeiras pregações deram-se nos próprios navios ancorados. Como estratégia missionária, Simonton alugou uma sala no centro da cidade onde dava aulas de inglês grátis, como oportunidade para pregar o Evangelho. A língua era ainda o problema na proclamação do evangelho.⁸

Para aqueles que esperavam o progresso técnico, a chegada do Presbiterianismo, como nos mostra Souza, pode ter sido decepcionante, as contribuições sociais dos protestantes para ele, estavam muito mais ligadas ao Evangelho:

Para os protestantes, o evangelho puro era o único capaz de transformar cidadãos em verdadeiros

⁸ CAVALCANTI, Isaías. *Ashbel Green Simonton: O fundador do Presbiterianismo no Brasil*. Disponível em: <http://ejesus.com.br/conteudo/5024/>. Acesso em 15/10/07.

democratas. E o Evangelho puro só era possível encontrar na Igreja Protestante. Os princípios para uma correta cidadania são encontrados no Protestantismo. (SOUZA, 2005)

A fundação e o progresso das escolas, segundo Ribeiro, é sempre motivo de orgulho e de demonstração da influência do Protestantismo. Uma educação cristã nos moldes norte-americanos serviria para implementar uma civilização cristã. Desde tempos remotíssimos, até hoje, ao batizar seus filhos, os pais presbiterianos faziam o compromisso de ensinar a criança a ler a palavra de Deus. (RIBEIRO, 1981)

No início do século XVI a alfabetização de adultos era cada vez mais comum, graças ao surgimento da imprensa, ao crescimento da indústria do papel e ao crescente apelo do movimento humanista. O humanismo tornou a educação de adultos uma conquista social, uma habilidade que abriu caminho para o avanço e a melhoria social.

Lutero teria sido também um pioneiro no terreno da educação. Ele entendia que, se a igreja quisesse continuar crescendo, mais e melhores escolas seriam necessárias. Ele instava aos pais para que enviassem seus filhos, meninos e meninas, à escola. Poderiam nelas ser treinados a serem homens tementes a Deus, membros fiéis da igreja e bons cidadãos. Lutero via a escola como companheira da igreja no ensino da palavra de Deus.⁹

Oswaldo Hack trabalha diretamente com a questão do Protestantismo e a educação. Em sua obra, traçou um histórico da filosofia educacional da Igreja Presbiteriana do Brasil, mostrando que esta, desde seus primórdios, firmou-se no propósito de propagar não apenas o Evangelho, mas também a educação através de escolas, contradizendo de certa forma a idéia apresentada por Souza. O trabalho dos missionários tornava-se lento e muitas vezes, infrutífero por causa do analfabetismo que grassava em solo brasileiro. O problema era mais agudo no interior onde tanto adultos como crianças eram analfabetos. (HACK, 1985)

Segundo ele, as igrejas norte-americanas deram grande ênfase às instituições educacionais, com finalidade de realizar uma propaganda indireta dos ideais de uma civilização cristã nos moldes protestantes. Os colégios norte-americanos no Brasil foram abertos a toda e qualquer ramificação confessional ou classe social, o objetivo seria atrair as elites nacionais para os meios protestantes, para orientá-las e oferecer-lhes os valores morais e espirituais que eram tidos como interpretação genuína do Cristianismo, ajudariam ainda no trabalho missionário. Foram criadas inúmeras escolas junto às igrejas, além de ensinarem as primeiras letras, também ministravam o ensino religioso da bíblia e o breve catecismo.

Duncan Alexander Reily mostra-nos em seu trabalho, que o ideário educacional norte-americano não privilegiou o processo de entrada no Brasil, mas se constituía característica principal desde a Guerra de Secessão (1861-1865), período em que os presbiterianos fundaram 49 escolas de ensino superior nos Estados Unidos. Segundo o autor, um ministério academicamente preparado era preocupação constante. (REYLI, 2003)

Foi em grande parte através dos colégios, sob a influência direta de ministros e educadores

⁹ Disponível on-line via: <http://www.ielb.org.br/>. Site oficial da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Acessado em: 20/11/2007.

protestantes da América do Norte, que se processou no Brasil a propagação das idéias pedagógicas americanas, que começaram a irradiar-se no Estado de São Paulo, com a fundação de três colégios representativos.

Em 1870, fundou-se a modesta Escola Americana, marco inicial do que é hoje a Universidade Mackenzie, o Colégio Internacional de Campinas, transferido para Lavras, Minas Gerais, que hoje é o Instituto Gammom e o Colégio Piracicabano, de origem metodista que ainda hoje existe em Piracicaba. Nas duas primeiras décadas do século XX fundaram-se ainda, várias escolas nas comunidades presbiterianas. Hack analisou principalmente os dois primeiros colégios, de origem presbiteriana. (SOUZA, 2005)

Ainda segundo Hack, os colégios evangélicos, em geral, procuraram conduzir a orientação religiosa no sentido de não fazer proselitismo, sem contudo deixar de tomar os princípios cristãos como base de todas as práticas, inclusive a educativa. Persistia a idéia fundamental de cristianizar através da educação, de métodos que garantissem direitos de liberdade de consciência. (HACK, 1985)

Neste período, havia um sentimento forte de que o catolicismo era o responsável pela ignorância do povo e a idéia de que o Protestantismo era sinal de povo culto e educado permaneceu no imaginário protestante por muito tempo, como sinônimo de cultura e progresso. A educação jesuítica orientava-se por um sistema pedagógico que visava atingir os objetivos de uma igreja dominante e que chegou a se



Figura 2 - Primeiro da escola americana Mackenzie em São Paulo

tornar oficial no período imperial, esse tipo de educação privilegiava as elites e deixava de lado a maioria da população, que permanecia assim, alheia ao conhecimento e ao acesso às escolas.

Hack credita grande importância às escolas protestantes na modernização dos métodos de ensino no país, especialmente na reformulação do ensino público no Estado de São Paulo, dirigida por Caetano Campos na última década do século XIX, e que contou com a colaboração direta de Horace Lane e Márcia Browne, missionários presbiterianos norte-americanos, educadores nas escolas missionárias. Essa reforma realizada em São Paulo foi modelo transportado para praticamente todo o país.

Outra contribuição importante, no âmbito da educação aconteceu no ano de 1932, quando o país preparava-se para eleger os representantes da nova Constituinte. Um grupo de vinte pastores presbiterianos lançou um manifesto “dirigido aos crentes Evangélicos de todo o Brasil”, para que a voz dos evangélicos se fizesse ouvir por aqueles que viessem a compor a Assembléia Constituinte, que decidiria sobre problemas que afetavam a vida espiritual e social do Brasil.

Esse manifesto é observado aqui, no âmbito das “reivindicações” pertinentes a educação, quando requeriam: a) Educação popular e obrigatória para todos os brasileiros por sistema que estabeleça o programa mínimo da escola primária em todo o território nacional; b) Organização da instrução secundária,

profissional, e superior de modo a torná-las acessíveis às classes menos favorecidas da sociedade.¹⁰ Estas reivindicações precedem à Lei de Diretrizes e Bases (LDB), que define e regulariza o sistema de educação brasileiro com base nos princípios presentes na Constituição. Foi citada pela primeira vez na Constituição de 1934, mas a primeira LDB só foi acrescida à Constituição em 1961.

Diante do catolicismo, que supostamente preferiria a ignorância do povo, o Protestantismo apresentava-se como a única solução para livrar o país do analfabetismo, da miséria e das superstições. Formando indivíduos saudáveis física, intelectual e espiritualmente, o Protestantismo anelava por transformar a sociedade brasileira.

Erasmus Braga, ao falar da educação, mostra que o índice de analfabetismo em alguns Estados poderia chegar a 98%, no país o índice geral era de 65 a 75%. Um fato significativo era que o índice de analfabetismo entre os protestantes era muito pequeno. (BRAGA, 1932) Esta comparação se trazida para anos não tão distantes comprovaria a mesma idéia, a revista *Veja* em 1997 comparou o número de analfabetos entre a população brasileira geral e os evangélicos, os índices eram respectivamente 20 e 9,5%.¹¹

Mas, de acordo com Souza, a maior conquista dos protestantes, segundo os próprios protestantes, era a “conquista da liberdade religiosa”, sendo considerada a primeira grande conquista de valor do Protestantismo à cultura brasileira. Sem ela seriam impossíveis os demais movimentos fecundos na História do Brasil, aqui concorda o teólogo e cientista político Robinson Cavalcanti: “a maior preocupação política do Protestantismo brasileiro de então era o cumprimento da Lei que assegurava a liberdade de culto.” (CAVALCANTI, 1994)

Essa liberdade já era temida pela Igreja, e Ribeiro, em outra importante obra, nos mostra que o povo brasileiro nem reclamava por essa liberdade. Pois uma vez introduzida, não se poderia impedir que se formassem congregações de diversas seitas e se erigissem templos e cultos públicos. Foi justamente essa liberdade que possibilitou aos protestantes uma maior expansão e aceitação entre a população. Nesta mesma obra, ele afirma que a aceitação do Protestantismo não acompanhou os modelos históricos de mudanças religiosas: conquista militar, conversão dos governantes, seguida de imposição de sua nova fé aos governados pela força ou pelo aliciamento. O Protestantismo no Brasil não foi primeiro adotado por personagens tão altamente colocados nas hierarquias sociais, que sua aceitação por integrantes das camadas inferiores viesse a ser, de alguma forma imposta. (RIBEIRO, 1973)

Apesar dos receios de Simonton em expandir o evangelho até o “interior”, levando-o até São Paulo, a população protestante na cidade de São Paulo era surpreendentemente grande, visto ter uma colônia numerosa de imigrantes ingleses e alemães. Em 1865, surgiram outras duas comunidades presbiterianas no Brasil, ambas na Província de São Paulo. O Reverendo Alexander L. Blackford cunhado de Simonton, organizou em março a igreja da capital, em um salão localizado junto ao Largo de São Bento, e em novembro outra igreja na vila de Brotas, a última paróquia do ex-padre José Manuel da Conceição, que tornou-se ministro protestante, renunciou à Igreja católica, e dela recebeu a excomunhão maior.

Surgia assim um novo processo no nascente Protestantismo brasileiro – a conversão de grandes

10 O Puritano em 30.5.1932. *apud.* SOUZA, *Op. Cit.* p. 66.

11 BARROS, Andréa; CAPRIGLIONE, Laura. *Soldados da Fé e da Prosperidade: As igrejas evangélicas crescem com a promessa do paraíso na terra.* Revista *Veja*, 02/07/1997. Disponível em: http://veja.abril.com.br/020797/p_086.html. Acesso em 13/11/07.

famílias residentes no interior. Agora, com a existência de três comunidades, foi possível a Simonton e seus colegas dar mais um passo importante na institucionalização do Presbiterianismo no Brasil – a criação de um presbitério ou federação regional de igrejas.

A visão de que a Igreja Católica é o grande inimigo a ser combatido, o qual, derrotado, redundará em benefício para todos, incluindo os próprios católicos que livres poderão encontrar a verdadeira religião acompanhou os presbiterianos desde seu início no Brasil. Assim, folhetos, artigos, livros, debates em praça pública eram meios possíveis e cabíveis de ser usado.¹²

Em *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*, de acordo com David Gueiros Vieira, os periódicos do Rio de Janeiro não faziam ataques ao Protestantismo, o que surpreendeu Simonton, pois ataques haviam aos ultramontanos, a Igreja Católica e contra o papismo, para ele, este era um sinal de aceitação, o que propiciava caminho para a pregação. (VIEIRA, 1980) Mas Hack entende que a presença do Protestantismo causou um impacto de resistência por longos anos, a presença protestante foi tida como invasora e prejudicial porque estava mesclada com interesses comerciais e políticos. A Igreja Reformada, além de representar uma imposição político-religiosa, também trazia em seu bojo as rivalidades religiosas européias entre protestantes e católicos. (HACK, 1985)

Como referido acima, Simonton ficara bastante impressionado com o número de artigos sobre assuntos religiosos que apareciam na imprensa do Rio de Janeiro. Sendo assim, em 1864, fundou juntamente com Blackford a *Imprensa Evangélica* o primeiro periódico protestante do Brasil. O jornal foi bem recebido nos círculos liberais, e lido também por diversos padres católicos que o assinavam.

À 12 de janeiro de 1862 concretizou-se a primeira grande realização de Simonton, que foi a fundação da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, recebendo dois membros por profissão de fé e batismo.

O Presbitério do Rio de Janeiro, solenemente instalado no dia 16 de dezembro de 1865, era composto por apenas três pequenas igrejas e três missionários estrangeiros, e ficou filiado ao Sínodo de Baltimore, da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos. O principal objetivo da criação desse concílio foi algo que ocorreu no dia seguinte no mesmo salão próximo ao Largo de São Bento – a ordenação de José Manoel da Conceição como pastor presbiteriano.

Reily afirma ainda que a base da República foi o positivismo de Auguste Comte, e que sua crença no progresso e na evolução social tornavam-no aparentemente mais próximo do Protestantismo que teria então recebido a República com entusiasmo. (REYLI, 2003)

Ribeiro afirma ainda que enquanto o Presbiterianismo era introduzido no Brasil, assim se fazia também na Argentina, Chile e Colômbia. Contudo, até 1973 não havia ainda igreja presbiteriana na Argentina; no Chile e Colômbia pequenos grupos sobrevivem, segundo o autor, heroicamente. Mas no Brasil, em poucos anos de propaganda já havia um número muito maior de adeptos do Presbiterianismo no Brasil do que havia um século depois, nos países hispano-americanos.

Segundo o autor, aspectos históricos/culturais possibilitaram e até facilitaram a introdução do Protestantismo no Brasil. Desde o início fora também bastante harmoniosa a convivência do Protestantismo

12 MATOS, Alderi Souza de. Simonton e as Bases do Presbiterianismo no Brasil. Disponível em: http://www.thirdmill.org/files/portuguese/17744~11_1_01_10-43-20_AM~Simonton_e_as_Bases_do_Presbiterianismo_no_Brasil.html, Acesso em 15/10/07.

em solo nacional, modelou-se um sistema jurídico que os protestantes consideravam satisfatório. Foram tomadas posteriormente providencias legais da Constituinte de 1823, dando-lhes garantias e proteção. (RIBEIRO, 1973)

Este trabalho analisa uma extensa bibliografia ao fazer um panorama geral de todo o contexto em que se deu a chegada do Protestantismo e em especial, do Presbiterianismo no Brasil. Muito há ainda para se pesquisar, tendo em vista que o objeto deste estudo é principalmente o diaconato, o novo modo de servir a sociedade, que era fortemente pregado e divulgado dentro da igreja protestante. O projeto pretende ainda compreender como esse processo influenciou no Sistema Educacional Brasileiro, e como este diaconato interferiu no que já existia no país.

O cristão é agora um cidadão, e sendo assim, ele precisa desempenhar na sociedade um papel de colaborador, contribuindo com o Estado. Tal modelo pode ser compreendido através do que fora estabelecido na Europa depois de Lutero e mais ainda em Genebra, com Calvino.



Figura 3 - Catedral Presbiteriana do Rio de Janeiro, organizada em 1862 por Simonton

Considerações finais

De acordo com a bibliografia apresentada até aqui, parte de um projeto de pesquisa acerca da Missão norte-americana que chegou ao Brasil no século XIX e se instalou dando a entender que não buscava apenas colonizar/explorar como havia sido até então. Os norte-americanos teriam vindo para deixar em solo brasileiro o padrão cultural e educacional de seu povo.

A questão da Reforma Protestante foi apresentada aqui, para que fizesse entender todo o processo desencadeado por este movimento, pois representou um momento exemplar de mudança na esfera religiosa, “*quando novos rumos para afinidades distintas entre religião e política foram pensado*”. Esses novos rumos e as conseqüentes mudanças sociais ocorridas no Brasil com a instalação do Protestantismo é o objetivo deste projeto.

O novo movimento religioso no Brasil a partir do século XIX não surgiu sem nenhuma base teórica, mas se mostrou fruto de um processo de longa data. Entender a Reforma desde o século XVI na Europa,

os protestantes norte-americanos - de onde veio Simonton - e enfim, a penetração desse Protestantismo no Brasil, é o caminho proposto para compreensão da nova ideologia cultural e educacional que se implementou a partir da chegada da Igreja Presbiteriana. Que logo disseminou a idéia de fundar em cada igreja uma escola. Como já vimos, o alto índice de analfabetismo comprometia o entendimento do evangelho pelos fiéis.

O trecho de Paiva, citado no início deste trabalho, norteia o que se faz questão até aqui. Entender através das bibliografias consultadas o empreendimento norte-americano em solo brasileiro ao analisar os rumos que a Reforma Protestante proporcionou ao Brasil a partir do século XIX. Suas novas formas de pensamento e compreensão da religião que apontavam para um novo modelo cultural, valorizando a educação, que daria ao povo um sentimento de pertencimento não apenas da igreja, mas ainda do ser cidadão, também apresentado por Paiva. Apenas com a análise das fontes e baseada na bibliografia até aqui consultada é que poderei concluir ou não o que se faz questão hoje.

Referências bibliográficas

BARROS, Roque S. M. de. A questão religiosa. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de, org. *História Geral da Civilização Brasileira* (tomo II – Período Colonial, vol. 4), São Paulo: Difel, 1985.

BARROS, Andréa; CAPRIGLIONE, Laura. *Soldados da Fé e da Prosperidade: As igrejas evangélicas crescem com a promessa do paraíso na terra*. Revista Veja, 02/07/1997. Disponível em: http://veja.abril.com.br/020797/p_086.html. Acesso em 13/11/07.

BIÈLER, André. *O Pensamento Econômico e Social de Calvino*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990.

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (Orgs). *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

BRAGA, Erasmo e GRUBB, Kenneth G. *The Republic of Brazil: a survey of the religious situation*. London: World Dominion Press, 1932.

CAVALCANTI, Isaías. *Ashbel Green Simonton: O fundador do Presbiterianismo no Brasil*. Disponível em: <http://ejesus.com.br/conteudo/5024/>. Acesso em 15/10/07.

CAVALCANTI, Robinson. *Cristianismo e política: teoria bíblica e prática histórica*. 3. ed. São Paulo: Temática Publicações, 1994.

COUTINHO, Sérgio Ricardo. *Religiosidades, Misticismo e História no Brasil Central*. Brasília: Cehila, 2001.

DELUMEAU, Jean. *Un Chemin d'Histoire, Chrétienté et Christianisation*. Paris: Fayard, 1981.

FEBVRE, Lucien. *Martín Lutero: Un Destino*. México: Fondo de Cultura Económica, 1975.

_____. *As Origens da Reforma Francesa e o Problema Geral das Causas da Reforma*. S.d.

FERNANDEZ-ARMESTO, Felipe; WILSON, Derek. *Reforma: O cristianismo e o mundo 1500-2000*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

FRANCO, Stella Maris Scatena. *Peregrinas de outrora: viajantes latino-americanas no século XIX*. Tese de Doutorado: História/FFLCH/USP, 2005.

HACK, Osvaldo Henrique. *Protestantismo e educação brasileira: Presbiterianismo e seu relacionamento*

com o sistema pedagógico. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985.

HOORNAERT, Eduardo (Org.). *História da Igreja na Amazônia*. Comissão de Estudos da Igreja na América Latina, CEHILA. Petrópolis: Vozes, 1992.

LESSA, Vicente Themudo. *Calvino: sua vida e obra*. São Paulo: Cruzeiro do Sul, 1934.

LEVI, Giovanni. "Usos da biografia". In: FERREIRA, Marieta de Moraes e Amado, Janaína (Orgs). *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

MATOS, Alderi Souza de. *O Cemitério dos Protestantes de São Paulo*. Disponível em: http://www.ipb.org.br/artigos/artigo_imprime.php3?id=53. Acessado em 11/07/2007.

Disponível on-line via: <http://www.ielb.org.br/>. Site oficial da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Acessado em: 20/11/2007.

_____. *Simonton e as Bases do Presbiterianismo no Brasil*. Disponível em: http://www.thirdmill.org/files/portuguese/17744~11_1_01_10-43-20AM~Simonton_e_as_Bases_do_Presbiterianismo_no_Brasil.html. Acesso em 15/10/07

MCGRATH, Alister. *A Vida de João Calvino*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

MCKIM, Donald K. *Grandes Temas da Tradição Reformada*. São Paulo: Associação Evangélica Literária Pendão Real, 1998.

MENDONÇA, Antonio G.; VELASQUES, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

MENDONÇA, Antonio G. *O celeste porvir: a inserção do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

PAIVA, Ângela Randolpho. *Católico, Protestante, Cidadão*. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.

REYLI, Alexander Duncan. *História Documental do Protestantismo no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: ASTE, 2003.

RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo e Cultura Brasileira*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981.

RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo no Brasil Monárquico*. São Paulo: Pioneira, 1973.

SKINNER, Quentin. *As Fundações do Pensamento Político Moderno*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

SOUZA, Laura de Mello. *O Diabo e a terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

SOUZA, Silas Luiz. *Pensamento social e Político no Protestantismo Brasileiro*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2005.

VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade na Idade Média Ocidental século VIII a XIII*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

VIEIRA, David Gueiros. *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980.

WALLACE, Ronald. *Calvino, Genebra e a Reforma: um estudo sobre Calvino como um reformador social, clérigo, pastor e teólogo*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

Fonte das Ilustrações

1. Fonte: <http://www.matche.hpg.ig.com.br/igreja/newvdp/images/historia/simonton.jpg>
2. Fonte: http://www.mackenzista.com.br/galeria/mackenzista_galeria_predio00.html
3. Fonte: <http://i130.photobucket.com/albums/p254/Clujnapoca/CatedralPresbiterianaII.jpg>

